

EDITORIAL

É corrente a ideia de que nossa produção científica é estreitamente vinculada aos Programas de pós-graduação, não apenas porque eles congregam os resultados do trabalho acadêmico da mais expressiva parcela de nossos pesquisadores ativos ou em formação (vide o fato do requisito de atuação em Programa de pós-graduação para obter uma bolsa de pesquisador, por exemplo), mas também por muitas das nossas revistas terem sua emergência e sustentabilidade ligadas a estes Programas.

Quando vivemos o encerramento de um ciclo avaliativo da pós-graduação brasileira, ou seja, a avaliação trienal (2010-2012) dos Programas, pela CAPES, é natural que muito mais esteja em jogo do que conceitos atribuídos a Programas. O ano de 2013 iniciou com este “clima” de final de triênio e, em meio a relatórios, critérios e métricas, estão sob exame professores, estudantes, produções acadêmicas, científicas e tecnológicas. Ficam em foco não apenas os atores da vida acadêmica e seus produtos, mas os sucessos e insucessos de políticas institucionais e das próprias áreas de conhecimento.

Visibilidade é a palavra-chave, já que é condição essencial para uma avaliação consistente. Em que pese as atribuições e limites de um processo de tal monta, é inegável a importância deste momento para um exercício fundamental – a autorreflexividade. Aqui, usando a expressão aplicada pelo sociólogo Giddens para pensar a sociedade atual, esta reflexividade aponta a situação de colocar-se como problema para si mesmo, ou seja, problematizar-se. E tornar-se ou ser “problemático” é algo quase inerente ao conhecimento válido e útil, às práticas sociais que se pretendem críticas e transformadoras, aos pesquisadores comprometidos e, também, às nossas revistas e Programas.¹

Podemos levantar algumas questões que permanecem desafiadoras, apesar dos avanços em curso. Ao avaliarmos Programas e cursos, também avaliamos produções, periódicos e pesquisadores. Critérios produzem métricas, em alternativas de transformar em dados ponderáveis ou medidas comparáveis os resultados e impactos que nem sempre são tão comparáveis. Por exemplo, quando apenas o número de publicações se mostrou uma medida insuficiente, foi necessário classificar a qualidade destes produtos, por meio de uma classificação dos veículos de publicação, especialmente os periódicos. Para isso foi necessário estabelecer requisitos de qualidade e, em seguida, ranqueamentos com base no impacto de periódicos e artigos.

Por impacto leia-se número de citações e, portanto, visibilidade destes produtos no idioma mundial da ciência, o inglês. De fato, chega-se a dados comparáveis, mas sob que leitura de impacto? Seria possível comparar dois pesquisadores hipotéticos, supondo que o pesquisador 1 atingiu um importante Índice H, no *Web of Science* ou *Scopus* (usados neste triênio como fontes para leitura de impacto) e o pesquisador 2 obteve um índice pouco expressivo? Obviamente que este é um elemento capaz de discriminar entre produções quantitativamente semelhantes, por exemplo. Mas o que diz e o que não diz esta leitura? Esta leitura diz que artigos do pesquisador 1 foram mais citados em periódicos indexados nestas bases (*Web of Science* e *Scopus*). Portanto, há uma evidência da contribuição de sua produção, o que é meritório, sem dúvida. Mas ela não diz se os artigos do pesquisador 2 também representam contribuição igual ou maior, simplesmente porque são citados em outros periódicos, ou em menor número. Ela não diz se o *score* de citações se refere a diferentes pesquisadores, revistas e países, ou se concentra em poucos pesquisadores e em uma mesma revista, ou até na revista editada pela instituição ou por autores do mesmo Programa daquele pesquisador (autocitação). Ela não diz se a maioria dos periódicos indexados nestas bases são permeáveis a resultados de pesquisa sobre o objeto de estudo do pesquisador 1 e pouco permeáveis (ou até refratários) ao objeto de estudo do pesquisador 2. Um estudo clínico, por exemplo, encontrará um número muito maior de revistas cujo escopo é pertinente, ou seja, uma disponibilidade expressiva de periódicos acessíveis (que publicam o tema estudado). Já um estudo que aborda objetos relativos à educação em saúde e enfermagem, em contextos nacionais, ou políticas públicas brasileiras, por exemplo, terá reduzida, em muito, a disponibilidade de periódicos permeáveis ao tema. O próprio fato de eleger cenário ou problema regional/nacional já faz com que muitos periódicos orientem autores a submeterem seus artigos a veículos nacionais. Claro que esta não é uma regra ou barreira intransponível, mas representa uma restrição importante. Além disso, tanto pelas restrições colocadas, como pelo interesse mais identificável no escopo de periódicos brasileiros, a oportunidade de divulgação do pesquisador 2 se concentra em veículos que não estão nas bases de dados utilizadas para esta leitura de impacto. Isto não significa menor relevância, mas, como referem alguns, é a medida/leitura disponível neste momento.

Muitos elementos poderiam ser discutidos para problematizar também a capacidade discriminatória do índice H, o que não pode ser feito neste espaço. Diversas críticas são dirigidas às capacidades e incapacidades deste tipo de “dado”, especialmente quando aplicado como critério decisivo em processos avaliativos. Por “decisivo” entenda-se “com maior peso”. Se este não é um indicador exclusivo, pode ser o mais questionável e arriscado. Por exemplo, quando um Programa alcança todas as métricas de excelência, mas a maioria de seus docentes não atinge o índice H, ela não cumprirá um entre os 13 indicadores ou métricas

utilizadas para avaliar a circulação internacional de sua produção científica. Até aí nada incorreto – de fato, a métrica não foi atingida. O problema é quando este único indicador terá impacto em uma dimensão que representa 45% do peso total do que se considera “excelência”. Mas, se este Programa atingisse esta métrica, mas não atingisse vários indicadores/métricas de dimensões como solidariedade, nucleação e liderança, não acarretaria semelhante prejuízo à sua avaliação, pois estas três dimensões possuem pesos de 10%, 10% e 15%, respectivamente.

Enfim, parece que estaríamos dizendo a nossos pesquisadores e Programas: “concentrem-se no mais decisivo, no índice H, pois se outros indicadores não forem atingidos, ainda se demonstrará a excelência, mas se este único indicador não for alcançado, de nada valerá demonstrar a excelência em todos os outros indicadores e dimensões”. Talvez não se concretize este cenário de adesão às regras do jogo colocadas pelas ciências básicas e médicas, mas precisamos estar alertas.

Apesar de esta reflexão apontar para alguns riscos de nossas decisões, seu foco principal é reconhecer que o momento a que nos referimos (encerramento de ciclo avaliativo) tem se mostrado rico e produtivo. É preciso que se diga para todos que produzem e consomem os resultados da pesquisa em enfermagem brasileira, para todos os atores de nossa pós-graduação, mas que não participam dos fóruns onde todos os Programas estão representados. É evidente o amadurecimento de nossa área; amadurecimento que se mostra nas relações de parceria e solidariedade, na qualidade das discussões e da condução dos processos por todos os líderes e representantes, locais e nacionais.

E o que dizer sobre o grande desafio de ampliar o número e a qualidade de nossos periódicos? Escolas e entidades têm compartilhado este desafio e os resultados são visíveis nos últimos anos – há novas revistas e é crescente a qualificação das mesmas, segundo padrões internacionais. Mas tal crescimento ainda é inferior à demanda alimentada pelo aumento de cursos de pós-graduação e, conseqüentemente, de novos pesquisadores. Também a visível qualificação editorial não significa rápidos resultados em termos de indexação nas mais reconhecidas bases, também sob limites concretos para dar resposta à maioria dos periódicos. Um círculo vicioso que exige permanente empenho e, muitas vezes, expectativas adiadas.

Para os quatro periódicos brasileiros de enfermagem que já estão indexados nestas bases, e dentre eles, a *Texto & Contexto Enfermagem*, fica o desafio de acompanhar a evolução dos perfis editoriais, evitando a endogenia e o impacto baseado em autocitação. Aos que buscam tal visibilidade cabe a valorização por parte de pesquisadores e consumidores, pois representam a maior parcela das oportunidades de divulgação, tão necessárias à enfermagem. Não há efeitos imediatos – há o tempo para preparar, submeter e publicar um manuscrito; há o tempo para ser lido e citado. Se estes tempos, somados, forem comparados ao tempo em que nossas revistas estão disponíveis em segunda língua (portanto lidas e citadas internacionalmente) podemos sim reconhecer avanços significativos. Observando-se os resultados alcançados por periódicos que foram pioneiros nestas iniciativas, e que já tiveram melhorias em seus índices de impacto, esta tendência é inegável e podemos pensar que estamos no caminho certo. Mesmo novas revistas já incorporam estes aprendizados e mais rapidamente conquistam importantes patamares de qualidade.

A área está de parabéns. Talvez por isso mesmo não possamos esquecer da primeira de todas as tarefas – problematizar o lugar em que estamos e o que almejamos estar, nossa situação de conforto e de desconforto, o que superamos e o custo de cada passo do caminho.

Flávia Regina Souza Ramos

Doutora em Enfermagem. Professora Associado do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Pesquisadora CNPq. Santa Catarina, Brasil.

Vânia Marli Schubert Backes

Doutora em Enfermagem. Professora Associado do Departamento de Enfermagem e do PEN/UFSC. Coordenadora do PEN/UFSC. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação em Enfermagem e Saúde. Pesquisadora do CNPq. Santa Catarina, Brasil.

REFERÊNCIA

1. Giddens A, Beck U, Lach S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo (SP): Editora da Universidade Estadual Paulista; 1997.

EDITORIAL

Es común la idea de que nuestra producción científica está estrictamente vinculada a los Programas de Post-Graduación, no apenas porque ellos congregan los resultados del trabajo académico de la mas expresiva parcela de nuestros investigadores activos o en formación (debido al hecho del requisito de la actuación en el Programa de Post-Grado para obtener una beca de investigador, por ejemplo), mas también por el hecho de que muchas de nuestras revistas tienen su emergencia y sustentabilidad ligadas a estos programas.

Cuando vivimos el cierre de un ciclo de validación del post-grado brasileño, o sea, la evaluación trienal (2010-2012) de los Programas, por la CAPES, es natural que mucho mas esté en juego que solo los conceptos atribuidos a los programas. El año 2013 inició con este "clima" de final de trienio, y en medio de relatos, criterios y métricas, están bajo examinación profesores, estudiantes, producciones académicas, científicas y tecnológicas. Quedan expuestos no apenas los actores de la vida académica y sus productos, sino también sus éxitos y fracasos de políticas institucionales y de las propias áreas de conocimiento.

Visibilidad es la palabra llave, ya que es la condición esencial para una evaluación consistente. En que pese a las atribuciones y límites de un proceso de tal calibre, es innegable, la importancia de este momento para un ejercicio fundamental – la autorreflexión. Aquí usando la expresión usada por el sociólogo Giddens para pensar en la sociedad actual, esta reflexión apunta la situación de colocarse como problema para sí mismo, o sea problematizarse. Y tomarse el ser "problemático" como algo inherente al conocimiento de los investigadores comprometidos y también a nuestras revistas y programas.¹

Podemos levantar algunas preguntas que permanecen desafiantes, a pesar de los avances en curso. Al evaluar Programas y cursos, también evaluamos producciones, periódicos y investigadores. Dicho criterios producen métricas en alternativas de transformar en datos ponderables o medidas comparables con resultados e impactos que ni siempre son tan comparables. Por ejemplo, cuando apenas el número de publicaciones se mostró una medida insuficiente, fue necesario clasificar la calidad de estos productos por medio de una clasificación de los vehículos de publicaciones, especialmente los periódicos. Para esto fue necesario establecer requisitos de calidad y en seguida, rankings con base en el impacto de periódicos y artículos.

Por impacto léase el número de citaciones, y por tanto, visibilidad de estos productos en el idioma mundial de la ciencia, el inglés. e hecho, se llega a datos comparables, pero sobre qué lectura de impacto? Sería posible comparar dos investigadores hipotéticos, suponiendo que el investigador 1 logró un importante índice H, en el *Web of Science* o *Scopus* (usados en este trienio como fuentes para lectura de impacto) y el investigador 2 obtuvo un índice poco expresivo? Obviamente que este es un elemento capaz de discriminar entre producciones cuantitativamente semejantes, por ejemplo. Sin embargo, qué dice y qué no dice esta lectura? Esta lectura dice que artículos del investigador 1 fueron mas citados en periódicos indexados en estas bases (*Web of Science* y *Scopus*). Por lo tanto, existe una evidencia de contribuciones de su producción, que es meritoria, sin duda. Mas que diría si los artículos del investigador 2 también representan contribución igual o mayor simplemente porque son citados en otros periódicos, o en menor número. Ella no dice si el *score* de citaciones se refiere a diferentes investigadores, revistas y países, o si se concentra en pocos investigadores y en la misma revista, o hasta en la revista editada por la propia institución de los autores del mismo Programa de aquel investigador (autocitación). Ella no dice si la mayoría de los periódicos indexados en estas bases de datos son permeables a resultados de investigación sobre el objeto de estudio del investigador 1 y poco permeables (o hasta refractarios) al objeto de estudio del investigador 2. Un estudio clínico, por ejemplo, encontrará un número mucho mayor de revistas cuyo escopo es pertinente, o sea, una disponibilidad expresiva de periódicos accesibles (que publican el tema estudiado). Ya un estudio que aborda objetos relativos a la educación en salud y enfermería, en contextos nacionales, o políticas públicas brasileñas, por ejemplo, tendrá reducido, en mucho, la disponibilidad de periódicos permeables al tema. El propio hecho de elegir un escenario o un problema regional/nacional ya hace con que muchos periódicos orienten autores a inscribir sus artículos a vehículos nacionales.

Claro que ésta no es una regla o barrera impenetrable, pero representa una restricción importante. Además de esto, tanto por las restricciones colocadas, como por el interés mas identificables en el escopo de periódicos brasileños, la oportunidad de divulgación del investigador 2 se concentra en vehículos que no están en las bases de datos utilizadas para esta lectura de impacto. Esto no significa menor relevancia, sin embargo, como refieren algunos, es la medida/lectura disponible en este momento.

Muchos elementos podrían ser discutidos para problematizar también la capacidad discriminadora del índice H, lo que no puede ser hecho en este espacio. Diversas críticas son dirigidas a las capacidades e incapacidades de este tipo de "dato", especialmente cuando aplicado como criterio decisivo en procesos evaluativos. Por "decisivo" entiéndase con "mayor peso".

Si este no es un indicador exclusivo, puede ser el mas incuestionable y arriesgado. Por ejemplo, cuando un Programa alcanza todas las métricas de excelencia, mas la mayoría de sus docentes no atinge el índice H,

el programa no cumplirá uno de los 13 indicadores o métricas utilizadas para evaluar la circulación internacional de su producción científica. Hasta ahí nada incorrecto – de hecho solamente la métrica no fue atingida. El problema es cuando este único indicador tendrá impacto en una dimensión que representa 45% del peso total de lo que se considera “excelencia”. Mas, se este programa atingiese esta métrica, y no atingiese varios indicadores/métricas de dimensiones como la solidaridad, nucleación y liderazgo, no acarrearían semejante prejuicio en la evaluación, pues estas tres dimensiones poseen pesos de 10%, 10% e 15% respectivamente.

Finalmente, parece que estaríamos diciendo que nuestros investigadores y Programas: se concentran en lo más decisivo, el índice H, pues si los otros indicadores no fueran atingidos, aún se demostraría la excelencia, pero si este único indicador no fuera alcanzado, de nada valdrá demostrar la excelencia en todos los otros indicadores y dimensiones. Tal vez no se concretice este escenario de adhesión a las reglas del juego colocadas por las ciencias básicas y médicas, mas precisamos estar alertas.

A pesar de esta reflexión apuntar algunos riesgos de nuestras decisiones, su foco principal es reconocer que el momento al que nos referimos (cierre del ciclo evaluativo) se ha mostrado rico y productivo. Es preciso que se divulgue a todos los que producen y consumen los resultados de investigación en enfermería brasileña, para todos los actores de nuestra post-graduación, mas que no participan de los fóruns donde todos los Programas están representados. Es evidente la madurez de nuestra área, madurez que se muestra en las relaciones de colaboración y solidaridad, en la calidad de las discusiones y de la conducción de los procesos por todos los líderes y representantes locales y nacionales.

Y que decir sobre el gran desafío de ampliar el número y la calidad de nuestros periódicos? Escuelas y entidades tiene compartido este desafío y los resultados son visibles en los últimos años hay nuevas revistas y es considerable la calificación de las mismas, según padrones internacionales. Mas tal crecimiento aún es inferior a la demanda alimentada por el aumento de cursos de post-graduación y consecuentemente de nuevos investigadores. También la visible calificación editorial no significa rápidos resultados en términos de indexación en las mas reconocidas bases, también bajo límites concretos para dar respuestas a la mayoría de los periódicos. Un círculo vicioso que exige permanente empeño y muchas veces expectativas adiadas.

Para los cuatro periódicos brasileños que ya están indexados en estas bases, y entre ellos la Texto & Contexto Enfermería, queda el desafío de acompañar la evolución de los perfiles editoriales, evitando la endogenia y el impacto basado en la auto-citación. A los que buscan tal visibilidad cabe la valoración por parte de los investigadores y consumidores, pues representan la mayor parcela de las oportunidades de divulgación, tan necesarias para Enfermería. No hay efectos inmediatos – existe el tiempo para preparar, inscribir y publicar un manuscrito; existe el tiempo para ser leído y citado. Si estos tiempos, sumados fueran comparados al tiempo en que nuestras revistas están disponibles en segunda lengua (por lo tanto leídas y citadas internacionalmente) podríamos si, reconocer avances significativos. Observándose los resultados alcanzados por periódicos que fueron pioneros en estas iniciativas y que ya tuvieron mejoras en sus índices de impacto, esta tendencia es innegable y podemos pensar que estamos en el camino correcto. Mismo así, nuevas revistas ya incorporan estos aprendizajes y mas rápidamente conquistan importantes índices de calidad.

Las felicitaciones son obligatorias para el área. Tal vez por eso mismo no podamos olvidar la primera tarea – problematizar el lugar en que estamos y el que deseamos estar, nuestra situación de confort y de desconfort, y debemos superarnos con el costo de cada paso del camino.

Flávia Regina Souza Ramos

Doctora en Enfermería. Profesora Asociado del Departamento de Enfermería y del Programa de Post-Gradación en Enfermería de la Universidad Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Investigadora CNPq. Santa Catarina, Brasil.

Vânia Marli Schubert Backes

Doctora en Enfermería. Profesora Asociado del Departamento de Enfermería y del PEN/UFSC. Coordinadora del PEN/UFSC. Líder del Grupo de Investigación en Educación en Enfermería y Salud. Investigadora CNPq. Santa Catarina, Brasil.

REFERÊNCIA

1. Giddens A, Beck U, Lach S. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo (SP): Editora da Universidade Estadual Paulista; 1997.